

REFLEXOS DA CONVIVÊNCIA FAMILIAR: COMO O AMBIENTE FAMILIAR INTERFERE NA FORMAÇÃO DE ATITUDES PRECONCEITUOSAS ENTRE OS ESTUDANTES DO CEPI DE APLICAÇÃO

**Alessandra Nunes Ferreira de Oliveira¹; Anny Gabrielly dos Santos Cares¹;
Cecília Miranda Ferreira Cezilo dos Santos¹; Nilza Vaz dos Santos¹;**

¹Centro de Ensino em Período Integral de Aplicação; e-mail: alessandra.deoliveira@seduc.go.gov.br;
e-mail: anny.cares@aluno.educa.go.gov.br; e-mail: ceciliamiranda.santos@aluno.educa.go.gov.br;
e-mail: nilza.vaz@seduc.go.gov.br

RESUMO: Esta pesquisa investigou o preconceito social no Centro de Ensino em Período Integral de Aplicação, numa abordagem qualitativa de natureza exploratória. Com objetivo de compreender como o ambiente familiar contribui para a formação de atitudes preconceituosas entre os estudantes. O estudo foi realizado por meio da análise dos filmes: Escritores da Liberdade (direção de Richard Lagravenese, 2007) e Cidade de Deus (direção de Fernando Meirelles, 2002) para compreender de que forma o preconceito se manifesta. Além de pesquisa com os estudantes do 9º ano A e B do Ensino Fundamental Anos Finais do CEPI de Aplicação, um total de 46 estudantes que responderam ao questionário de pesquisa, contendo 10 questões. Os resultados sugerem que o ambiente familiar contribui para a formação de atitudes preconceituosas, revelando que o ambiente familiar exerce influência significativa na formação de atitudes e percepções relacionadas ao preconceito, ou ao combate do preconceito. Isso sugere que as famílias podem, consciente ou inconscientemente, reforçar estereótipos sociais, mesmo quando afirmam valorizar princípios de igualdade. Este estudo contribui para ampliar o diálogo sobre diversidade, respeito e equidade, tanto no âmbito familiar quanto escolar, a fim de promover uma educação integral que fortaleça comportamentos inclusivos e combata a reprodução de preconceitos entre estudantes.

Palavras-chave: preconceito social; ambiente familiar; escola.

INTRODUÇÃO

O preconceito é um problema presente no nosso dia a dia e acompanha a sociedade há muito tempo. Ele acontece quando alguém forma uma opinião sobre algo ou alguém sem realmente conhecê-la, baseando-se apenas em aparências, ideias antigas ou falta de informação. Existem vários tipos de preconceito, como o racial, contra as mulheres, contra homossexuais, contra pessoas gordas e contra pessoas com deficiência.

No entanto, entre os estudantes do Centro de Ensino em Período Integral de Aplicação, o preconceito social, aquele que julga as pessoas pela sua condição financeira, aparência ou modo de se vestir, é um dos mais perceptíveis no ambiente escolar. Por isso este estudo busca compreender de que maneira o ambiente familiar contribui para a formação do preconceito social entre jovens?

O preconceito social causa muito sofrimento. Muitos alunos acabam sendo excluídos, têm sua autoestima abalada e perdem a vontade de participar das atividades

escolares. Essas situações também prejudicam o rendimento escolar e o sentimento de pertencimento à comunidade escolar, como pode ser observado no filme *Escritores da Liberdade* (direção de Richard Lagravenese, 2007) que é um filme baseado em fatos reais. O filme mostra como o preconceito acontece e como pode ser enfrentado dentro da escola. Já o filme *Cidade de Deus* (direção de Fernando Meirelles, 2002) revela como as desigualdades sociais e a exclusão impactam a vida das pessoas e a importância da educação para mudar essa realidade.

Além disso, pesquisas científicas apontam que a o ambiente familiar é o primeiro lugar onde aprendemos valores e modos de pensar. É nela que formamos muitas das nossas opiniões sobre as pessoas e o mundo. E, também que as ideias da família podem ajudar a combater o preconceito, ou, ao contrário, podem fazer com que ele continue existindo.

Por exemplo, o estudo de Martins e Geraldo (2018) contou histórias de jovens negros e mostrou que alguns cresceram em famílias que os ensinaram a enfrentar o preconceito, enquanto outros ouviram em casa ideias que reforçavam a discriminação. Já Godoy e Nogueira dos Santos (2020) explicam que, quando a família e a escola tratam certas pessoas como “erradas” por serem diferentes, isso acaba criando atitudes de rejeição. Outro estudo, chamado “Educação Inclusiva: Entre a História, os Preconceitos, a Escola e a Família” (2015), mostra que o preconceito costuma crescer quando escola e família repetem as mesmas ideias de exclusão, sem questionar ou conversar sobre elas.

Dessa forma, nosso objetivo é estudar como o ambiente familiar influencia na construção do preconceito social no CEPI de Aplicação. Isso é fundamental para compreender como ele afeta o convívio entre os estudantes e buscar soluções que promovam o respeito e a valorização das diferenças. Somente com o conhecimento, a empatia e o diálogo é possível construir uma escola mais justa, acolhedora e sem discriminação.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Esta pesquisa tem como objetivo entender como o ambiente familiar pode influenciar as atitudes de preconceito entre os jovens. O estudo foi desenvolvido com alunos do 9º ano do Centro de Ensino em Período Integral de Aplicação, pois essa é uma fase importante da vida, quando muitos valores e opiniões estão sendo formados.

Para isso, foi aplicado um questionário com os estudantes do 9º A e B do CEPI de Aplicação, para descobrir o que os alunos pensam sobre o preconceito e como as ideias e

exemplos da família podem ajudar a repetir ou combater esse tipo de comportamento.

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa de natureza exploratória, voltada à compreensão das relações entre o ambiente familiar e a formação do preconceito entre os alunos.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

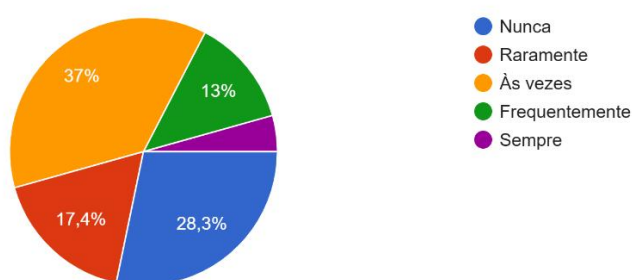
Os dados coletados para compreender e investigar de que maneira o ambiente familiar pode contribuir para a formação de atitudes preconceituosas entre os jovens, buscando entender como valores, discursos e práticas familiares influenciam a construção de comportamentos sociais, foram retirados de um questionário de pesquisa com 10 questões objetivas de múltipla escolha. Esse instrumento foi aplicado aos estudantes do 9º ano A e B, totalizando 46 participantes.

Observou-se que, na primeira pergunta, que investigava com que frequência a família dos entrevistados faz comentários negativos sobre pessoas de outra etnia, religião ou cultura, 37% relataram que às vezes acontecem atos de preconceito, como mostra a Figura 1. Já 28,3% afirmam que esses atos nunca ocorreram em seu ambiente familiar. Conclui-se também que 17,4% dizem que isso acontece raramente, enquanto 13% afirmam que ocorre com frequência.

Figura 1:

1. Com que frequência você percebe que membros da sua família fazem comentários negativos sobre pessoas de outra etnia, religião ou cultura?

46 respostas



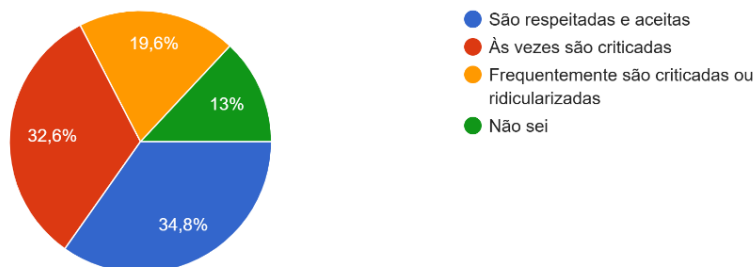
Fonte: Questionário de Pesquisa 2025

Na segunda pergunta, que investigava como as famílias dos entrevistados tratam pessoas com opiniões ou comportamentos diferentes dos demais, observou-se que 34,8% responderam que essas pessoas são respeitadas e aceitas. Já 32,6% afirmaram que às vezes são criticadas. Além disso, 19,6% disseram que frequentemente são criticadas ou ridicularizadas. Conclui-se que 13% não souberam opinar, como mostra a Figura 2.

Figura 2:

2. Em sua família, como são tratadas pessoas que possuem opiniões ou comportamentos diferentes dos demais?

46 respostas



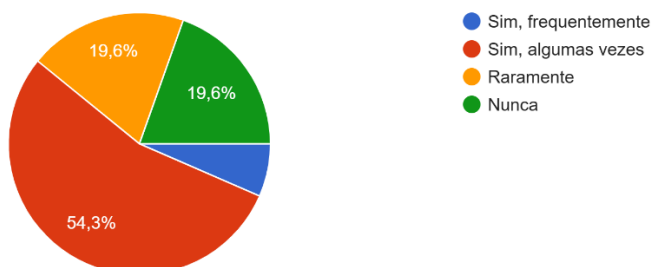
Fonte: Questionário de Pesquisa 2025

Na terceira pergunta, segundo os entrevistados, como mostra a Figura 3, sobre se suas famílias apresentam preconceito em relação à aparência física ou condição social, 54,3% disseram que isso acontece às vezes. Já 19,6% afirmaram que raramente ocorre, e outros 19,6% disseram que nunca ocorre. Por fim, 6,5% afirmaram que sim, isso acontece frequentemente.

Figura 3:

3. Você já ouviu algum membro da sua família expressar preconceito em relação a aparência física ou condição social de alguém?

46 respostas



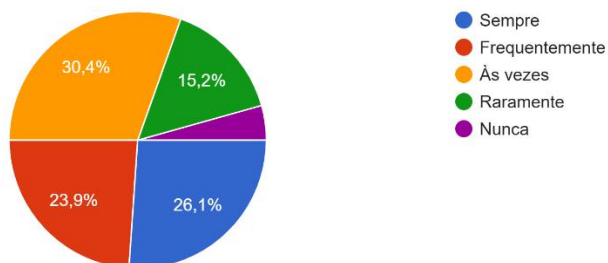
Fonte: Questionário de Pesquisa 2025

Na quarta pergunta, como mostra a Figura 4, observou-se que os valores como empatia, respeito e solidariedade são discutidos nas famílias dos entrevistados. Entre eles, 30,4% afirmaram que às vezes esses assuntos são abordados. Já 26,1% disseram que sempre dialogam sobre esse tema. Além disso, 23,9% relataram que esses valores são frequentemente apresentados, enquanto 15,2% afirmaram que isso raramente acontece.

Figura 4:

4. Na sua casa, valores como empatia, respeito e solidariedade são frequentemente discutidos ou incentivados?

46 respostas



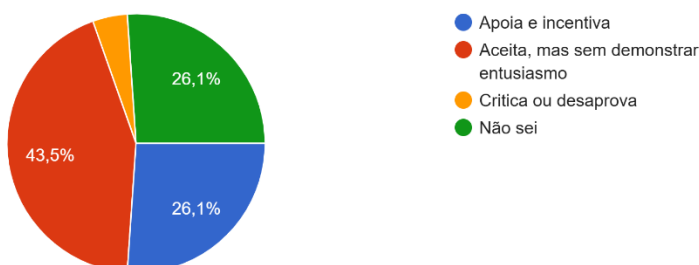
Fonte: Questionário de Pesquisa 2025

Na quinta pergunta, como mostra a Figura 5, quando questionados sobre como suas famílias reagem ao fato de demonstrarem amizade ou admiração por alguém de um grupo diferente, 43,5% disseram que suas famílias aceitam, mas sem demonstrar entusiasmo. Já 26,1% afirmaram que as famílias apoiam e incentivam. Por fim, outros 26,1% responderam que não sabem.

Figura 5:

5. Como sua família reage quando você demonstra amizade ou admiração por alguém de um grupo diferente do seu?

46 respostas



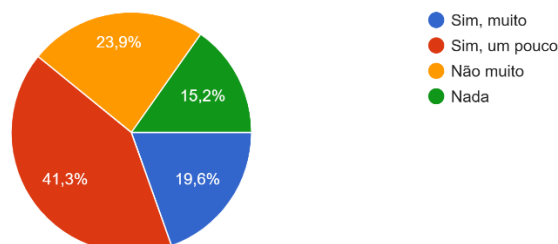
Fonte: Questionário de Pesquisa 2025

Na sexta pergunta, como mostra a Figura 6, os entrevistados afirmaram que suas famílias acreditam que atitudes e opiniões influenciam: para 19,6%, influenciam muito; para 41,3%, influenciam um pouco; para 23,9%, não influenciam muito; e para 15,2%, não influenciam em nada.

Figura 6:

6. Você acredita que as atitudes e opiniões da sua família influenciam a maneira como você vê e trata outras pessoas?

46 respostas



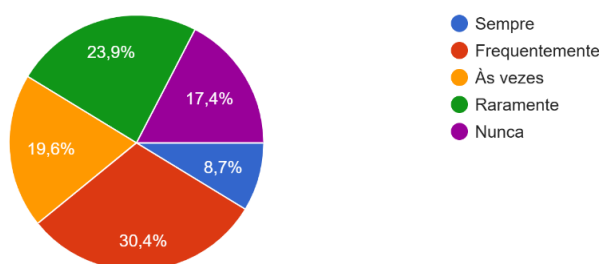
Fonte: Questionário de Pesquisa 2025

Na sétima pergunta, como mostra a Figura 7, observou-se que as famílias conversam com os entrevistados sobre igualdade, diversidade e respeito em 30,4% dos casos frequentemente; 23,9% raramente; 19,6% às vezes; 17,4% nunca; e 8,7% afirmaram que essas conversas acontecem sempre.

Figura 7:

7. Com que frequência sua família conversa sobre igualdade, diversidade e respeito às diferenças?

46 respostas



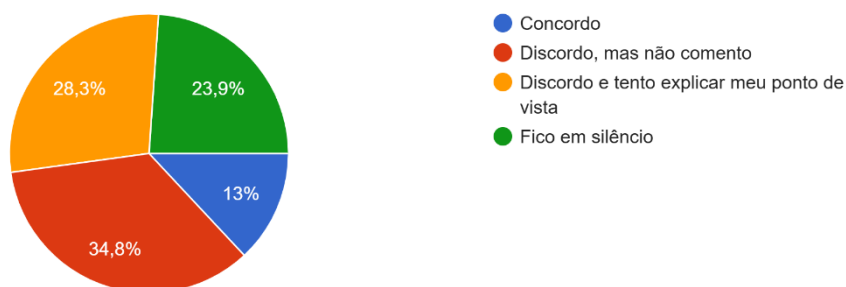
Fonte: Questionário de Pesquisa 2025

Na oitava pergunta, que questiona de que forma as famílias reagem quando os entrevistados fazem um comentário preconceituoso, como mostra a Figura 8, 28,3% disseram que suas famílias discordam e tentam explicar seu ponto de vista; 34,8% afirmaram que discordam completamente; 23,9% relataram que a família fica em silêncio; e 13% responderam que concordam.

Figura 8:

8. Quando alguém na sua família faz um comentário preconceituoso, como você reage?

46 respostas



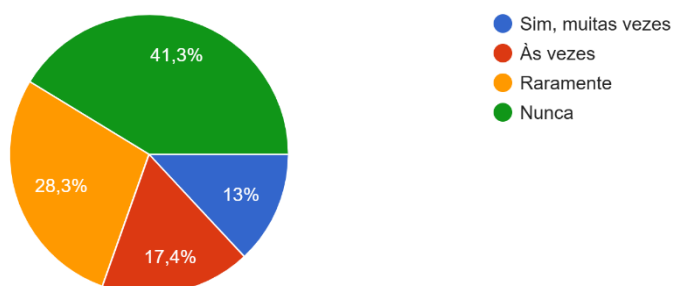
Fonte: Questionário de Pesquisa 2025

Na nona pergunta, que questiona se os filhos percebem diferenças no tratamento que suas famílias têm com as pessoas de acordo com a classe social, 41% afirmaram que nunca observaram essa diferença. Já 28,3% disseram que isso raramente ocorre, 17,4% responderam que às vezes acontece e 13% afirmaram que acontece muitas vezes, como mostra a Figura 9.

Figura 9:

9. Você percebe diferenças no tratamento que sua família dá a pessoas de acordo com sua classe social, etnia ou aparência?

46 respostas



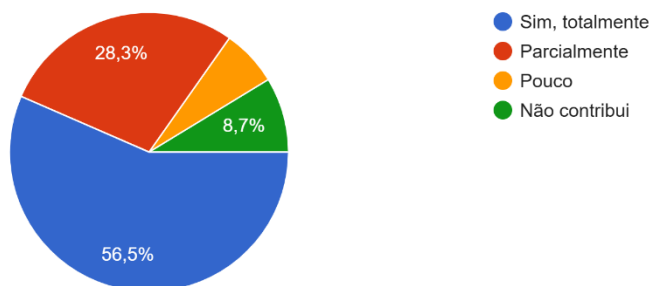
Fonte: Questionário de Pesquisa 2025

Na décima pergunta, que investiga a opinião dos entrevistados sobre se o ambiente familiar contribui para a formação do respeito, 56,5% responderam que sim, totalmente; 28,3% disseram que contribui parcialmente; e 8,7% afirmaram que não contribui, como podemos observar na Figura 10.

Figura 10:

10. Na sua opinião, o ambiente familiar contribui para a formação de respeito e tolerância entre as pessoas?

46 respostas



Fonte: Questionário de Pesquisa 2025

A análise dos dados obtidos com os estudantes do 9º ano A e B evidencia que o ambiente familiar exerce influência significativa na formação de atitudes e percepções relacionadas ao preconceito. Embora parte dos entrevistados reconheça a presença de práticas de respeito, diálogo e incentivo à diversidade, os resultados mostram que ainda há espaço para manifestações de críticas, comentários negativos e comportamentos discriminatórios dentro do convívio familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que muitos estudantes percebem contradições no seio familiar, ao mesmo tempo em que valores como empatia e solidariedade são discutidos, também ocorrem atitudes de julgamento e preconceito, seja em relação à aparência física, condição social ou diferenças de opinião. Isso sugere que as famílias podem, consciente ou inconscientemente, reforçar estereótipos sociais, mesmo quando afirmam valorizar princípios de igualdade.

Dessa forma, conclui-se que o ambiente familiar, ainda que em grande parte contribua positivamente para a formação de atitudes respeitadas, também apresenta fragilidades que precisam ser trabalhadas. Torna-se fundamental ampliar o diálogo sobre diversidade, respeito e equidade, tanto no âmbito familiar quanto escolar, a fim de promover uma educação integral que fortaleça comportamentos inclusivos e combata a reprodução de preconceitos entre os estudantes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Educação inclusiva: entre a história, os preconceitos, a escola e a família.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2015.

ESCRITORES DA LIBERDADE. Direção de Richard Lagravenese; produção de Danny DeVito, Michael Shamberg e Stacey Sher. EUA: Paramount Pictures, 2007. 1 DVD (123 min). Colorido. Legendado.

GODOY, S. R.; NOGUEIRA DOS SANTOS, M. L. **Família, escola e diversidade: reflexões sobre preconceito e homofobia no ambiente educacional.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LINS, Paulo. ***Cidade de Deus*.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, E. S.; GERALDO, A. P. **Juventude negra e resistência: histórias de enfrentamento ao preconceito.** São Paulo: Cortez, 2018.

MEIRELES, Fernando. ***Cidade de Deus*.** Produção: Lucy R. González e Fernando Meireles. Rio de Janeiro: 02 Filmes, 2002. 1 DVD.

OLIVEIRA, Maria de Fátima Rodrigues de; NICOLINO, Talita Medeiros. **A Cidade de Deus, morada do estigma e do preconceito.** *REGRAD: Revista de Gestão, Regionalidade e Desenvolvimento*, Marília, v. 12, n. 1, p. 207–218, nov. 2019. Disponível em: <https://revista.univem.edu.br/REGRAD/article/download/3119/842>. Acesso em: 28 set. 2025.